

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANTARIO REPUBLICANO

Numero 131

assignaturas
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 6600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 6650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignaturas tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º ANNO

Cartas d'Algueres

26 DE JUNHO.

Perguntava-me ha dias uma senhora muito digna e talentosa, sobejamente conhecida pelo seu valor litterario e pelo seu amor á causa da liberdade e do progresso, se eu já tinha lido o *Inimigo do Povo*, drama do celebre Ibsen. Respondi-lhe que não.

— Pois deve lêr, replicou.

Ante-hontem o marido d'essa senhora, tambem prosador e poeta muito distincto, fazia-me novamente a pergunta, a proposito de factos que não importam n'este instante. Dei-lhe a mesma resposta.

— Ora essa! Pois ha de lêr. Não deve deixar de lêr. A manhá lli'o mundo.

E mandou. E eu li. Acabo de lêr agora mesmo. E estou ainda debaixo da influencia benefici d'essa leitura.

Que magnifica tarefa nas hypocrisias, nas mentiras, nas convenções, nos interesses sociaes!

O *inimigo do povo* é um homem que passa a sua vida a trabalhar pelo mesmo povo, a defender a verdade, a combater a hypocrisia e o vicio, a lutar constantemente pela causa da civilização, do progresso, da liberdade, não encontrando em volta de si senão covardes, senão traidores, senão homens visando o interesse e a commodidade, que põem acima da justiça e do bem commum. Impetuoso, não guarda as conveniências, nem as admite. Só tem um objectivo: o triumpho da verdade. Mas d'ahi não lhe adveem senão desgraças. Enchem-n'o de calumnias. Fazem-n'o alvo da troça e do ridiculo das classes médias, estupidas e boças. Tentam reduzi-lo á miseria, obrigando-o, realmente, a passar horas de fome, de penuria afflictiva. Por fim levam as proprias multidões, por cuja emancipação trabalhou sem cessar, a declara-lo, em reunião publica, *inimigo do povo*, reunião d'onde sahem para lhe irem apedrejar as janellas da casa em que habita.

Ficando o — *Inimigo do povo!* Tem um irmão que é politico, influente politico, syndicateiro. E' presidente d'uma sociedade que possui e explora umas aguas medicinaes e o estabelecimento anexo. O *inimigo do povo*, que é medico do estabelecimento, descobre um dia que as aguas estão envenenadas por infiltrações. Cusam gravissimos danos ás pessoas que vão fazer uso d'ellas, julgando que encontram maior doença ou a morte. Propôz á sociedade uma reforma no estabelecimento e nas canalizações. Mas essa reforma

custa muito dinheiro e a empresa não quer gastos. O irmão, chefe da empresa, vai ter com elle e diz-lhe que não insista na mania. O *inimigo do povo* responde que não pôde ser cúmplice em tamanho crime. Que o amor da verdade, da sciencia, da humanidade o obriga a prevenir o publico. O irmão diz-lhe que tenha senso. Que modere o seu temperamento agitado, bellicoso, irrequieto, revolucionario. Que perca a deploravel mania de ir contar nos jornaes tudo o que pensa, o possivel e o impossivel. Assim que tens uma idéa, vaes logo escrever uma brochura ou um artigo de jornal. A tua necessidade imperiosa é ter questões, é discutir. O que queres é atacar os superiores. E' o teu habito. Não toleras auctoridade acima de ti; desconfias de todos os que occupam uma posição official; considera-los teus inimigos pessoais e logo te armas contra elles e os atacas.

Porque são estupidos e mans, responde o *inimigo do povo*. Emfim, o irmão põe-lhe, n'um dilemma terrivel, um ultimatum: ou o *inimigo do povo* se cala ou é despedido de medico da empresa e fica na miseria, com os filhos. O *inimigo do povo* prefere a miseria. A mulher censura-o, lembrando-lhe a triste sorte dos filhos. O que será d'elles?

— O meu primeiro dever é legar-lhes um nome honrado. Eu quero ter o direito de olhar meus filhos sem córar, quando, mais tarde, forem homens livres. E sahe.

A mulher exclama, suffocada em soluções e em lagrimas: — Que Deus nos ajude e nos console!

A filha mais velha, já mulher, essa diz: — Meu pae procede como um homem. Não se submete.

O *inimigo do povo* confia ingenuamente em que terá por si a *opinião liberal*. Dirige-se ao *Jornal do Povo*, órgão do partido liberal, e pede para levantar n'elle a questão do estabelecimento de aguas e banhos. Os redactores do *Jornal do Povo* recebem-no com grande enthusiasmo. Dão-lhe a certeza do triumpho. Promettem e juram que estão de alma e coração ao lado d'elle. O *inimigo do povo* escreve logo um artigo e promete ir reve-lo d'ahi a horas. Mas assim que elle sahe, apparece o irmão. Os redactores ficam muito sorprendidos, mas muito lisongeados ao mesmo tempo. O chefe do partido conservador, a primeira auctoridade da cidade, o prefeito, o homem querido da alta roda a dar-lhes a honra de uma visita! Desfazem-se logo em zumbais.

O irmão diz-lhes que é uma loucura darem apoio ao *inimigo do povo*. O resultado fatal será

fugir dos banhos a enorme quantidade de gente, que a elles acode todos os annos. A cidade soffrerá immenso com isso. Perde o commercio, perdem as classes trabalhadoras. Depois, não está provado que as aguas estejam envenenadas. E' uma *maguice* do medico. Para se fazerem as obras que este reclama, são necessarias sommas colossaes, que a empresa não possui. E ainda que as possuísse, teria o estabelecimento de estar fechado por dois annos, o que afastaria a concorrência. Termina promettendo empregos aos dois redactores do *Jornal do Povo*.

Quando o *inimigo do povo* apparece, os jornalistas explicam com pretextos fiteis a inconveniencia da publicação do artigo no dia immediato, até que aquelle percebe tudo.

Tenta então fazer uma reunião publica. Não encontra sala em toda a cidade! Lá consegue uma, por fim, com muito trabalho. Mas a propaganda tem sido intensa contra elle. Os animos são lhe hostis. Reunioes com assobios e apupos terminam com a voz de um moço, em que se ouve, por uma nimidade de memos, o nome do *inimigo do povo*. O moço é declarado *inimigo do povo*. Depois o *comicio* dessa noite a multidão vai-lhe partir á pedrada os vidros das janellas!

Inimigo do povo, elle, o homem honrado, o justo, o probo, o sábio, o benemerito, que tem passado a vida a lutar pela democracia, pela verdade, pela justiça! E anda pela casa apanhando as pedras com que lhe despedaçaram as vidraças. Todos o abandonam. Alguns mandam-lhe dizer que tem muita pena, mas que não podem arcestar com a animadversão geral. Que não se atreva. Que tem familia!... Mulher e filhos!...

— Suprema abjecção moral, exclama o medico. Fois bem. Que os leve o diabo. Sou eu o louco. Todo o mundo diz que sou eu que me engano. Que sou eu o nephelibata. Pois que os leve o diabo. Elles acharão o erro.

E prepara-se para embarcar para a America. Mas, de repenta, reconsidera. Não, não. Fica. Vai continuar a lutar. Fica, porque acaba de fazer uma nova e grande descoberta.

— Quereis saber a minha nova e ultima descoberta? Ei-la: O homem mais poderoso do mundo é aquelle que está mais só!

Oh! Thomaz! exclama carinhosamente a mulher, que tinha acabado por o acompanhar com coragem quando o viu abandonado de todos.

— Meu pae! diz a filha com ternura agarrando lhe as mãos.

E termina o drama, sem mais nada.

E' admiravel. Dizem os traductores francezes, na edição que acabámos de lêr, que o *inimigo do povo*, o doutor Stockmann, é o proprio Ibsen.

O auctor encarnou-se no principal personagem do seu drama. Assim será. Mas todos nós temos o direito, todos nós que combatemos um pouco pela verdade e pela justiça, de reclamar uma parte no dr. Stockmann.

Todos nós, que defendemos sinceramente a liberdade, temos encontrado na nossa frente os *mijaretas*, isto é, os *liberaes*, os redactores do *Jornal do Povo*, os Hovstad, os Billing, os Aslaksen. Só ali, em Aveiro, pequena cidade de Portugal, como n'uma pequena cidade da Noruega faz Ibsen decorrer os acontecimentos, tenho eu conhecido uma duzia d'esses *jornalistas liberaes*, desde o Cunha e Costa até ao *Mijareta*, hoje prégando a revolução com furor, hoje incitando os revolucionarios, e, no dia immediato, desfazendo se em zumbais deante dos chefes reaccionarios e conservadores, associando-se com elles nas maiores calumnias e nas mais infames traições contra os que ficaram honradamente no campo onde estavam.

Todos nós, que pugnamos pela emancipação popular, temos sido accusados de *inimigos do povo*. Todos nós, que trabalhamos pela verdade e pela justiça, temos visto, algumas vezes, os nossos esforços desfeitos perante a colligação dos inferiores, dos mediocres, dos boças, dos estupidos.

Segundo o grande philosopho norueguez, as maiorias nunca tem razão, porque as maiorias são sempre compostas da ignorancia e da estupidez. As verdades que ellas admittem, são verdades já julgadas, já condemnadas, já substituidas.

Por quem é formada a maioria dos habitantes de um paiz? pergunta o dr. Stockmann, o *inimigo do povo*. Pelas pessoas intelligentes ou pelas imbecis? Supponho que estaremos todos d'accordo em admittir que ha imbecis por toda a parte, em toda a terra, e que constituem uma maioria horrivelmente esmagadora.

Não ha duvida. Muitos annos antes de lêrmos o Ibsen já nós pensavamos e escreviamos a

mesma coisa. Sem sabermos o que Ibsen dizia já nós affirmavamos, como elle afirma n'esse drama, que não ha elevação moral sem elevação intellectual.

O que é admiravel em Ibsen é o trabalho de encarnação e de synthese. As suas figuras são reaes, são praticas, conhecemo-las, vêmo-las todos dias, sem exceptuar as da *reivindicacão ideal*, as da *verdade absoluta*, na phrase dos criticos.

Estas são mais raras entre nós, porque são raras em toda a parte. Mas as outras, as da *humanidade pratica e vulgar*, essas são corriqueiras, essas pullulam.

Só ali em Aveiro, como já disse, ha, pelo menos, uma duzia de Billing, de Hovstad, de Aslaksen, os farçantes do *Jornal do Povo*, os *liberaes* que não tem outro fim senão o *arranjinho*, os mariolões sem ideal e sem crenças, especulando com os principios liberaes e democraticos como são capazes de especular com tudo. Hoje revolucionarios e amanhã reaccionarios. Hoje contra os *prefeitos* e amanhã a favor d'elles.

Só em jornalistas ha ali, pelo menos, uma duzia d'elles conhecidos. Mas na clarificacão commercial não ha uma duzia, ha duzias d'aquellas grandes cavalgadas que Ibsen apresenta pesando com a sua auctoridade de negociantes de toucinho e de coiros e que merecem ao dr. Stockmann, o *inimigo do povo*, as mais eloquentes apostrophes de indignação desprezadora e sarcastica.

O Morten Kill, dono da fabrica de coiros, o outro negociante *ventrado* que se dirige a Horster sem *saudar as mulheres*, toda a cambada de dinheiro que constitue o partido do *prefeito*, cambada ignorante, alarve, estúpida, boçal, que leva as multidões a declararem *inimigo do povo* o benemerito dr. Stockmann, a apedrejarem-lhe as vidraças da casa em que habita, a fazerem correr contra elle as maiores calumnias na cidade, são figuras tão nossas conhecidas ali em Aveiro que eu leio o drama e vejo as perpassar a todas deante dos meus olhos. Nossas conhecidas em Aveiro e fóra de Aveiro. São de toda a parte.

E ali está como eu me consolei uma hora e como arranjei assumpto consolador para muitos dos leitores.

A. B.

O *Chica* tirou a mascara e o *Cabecinha* largou a *cabecada*. Agora o *Chica* é o *Chica* e o *Cabecinha* é o *Cabecinha*.

Estão melhor assim. Melhor não diremos.

O *Chica* corre maior perigo de nada lhe valer a espertesa de nos deixar á margem.

Mas, sem mascara, está mais bonito e mais honesto.

MINISTRO DA GUERRA

O sr. ministro da guerra visitou Aveiro no ultimo domingo, como estava annunciado. E, felizmente, Aveiro correspondeu á nossa expectativa. Apesar da abstenção dos francaceos, apesar de toda a sua má vontade, a recepção revestiu um caracter imponente.

Ficou mais uma vez provado que os francaceos, coitados, passaram á historia. Tanta farronca e, afinal, é o que se vê.

A noite ainda tentaram organizar uma manifestação hostil ao ministro. Mas sahiu-lhes a obra tão ridicula, tão ridicula, que nem foi preciso o raio que deitou abaixo a collier, o garfo e até o comer que o *Cabecinha* levava para a bocca, para a destruir. Desappareceu com o tiro d'um pescador.

Depois do tiro foi visto o *Mijareta* agachado a um canto e o resto dos manifestantes fugindo ao longe.

E assim acabou a *grrrande* manifestação hostil dos francaceos.

Coitadinhos!...

Eram 10 1/4 da manhã de domingo ultimo quando o comboio que conduzia o sr. conselheiro Pimentel Pinto entrou nas agulhas da estação d'esta cidade, estalejando nos ares numerosas gerandolas de foguetes e quatro bandas tocavam o *Hymno da Carta*, levantando a multidão calorosos e entusiasticos vivas a sua ex.^a, á Patria, ao exercito e a infantaria 24. Fazia a guarda d'honra uma força de infantaria com a respectiva banda.

Logo que desembarcou, seguiu-se o sr. ministro da guerra immediatamente para o *Hotel Central*, seguido por grande numero de carros conduzindo as autoridades civis, militares e os convidados. Durante o trajecto passou sua ex.^a por entre as alas de povo que enchia as ruas e que vibrante d'entusiasmo, saudava o nosso illustre hospede.

No hotel recebeu o sr. conselheiro Pimentel Pinto os cumprimentos affectuosos da camara municipal, das principaes pessoas d'Aveiro e da academia, á qual o illustre titular da pasta da guerra agradeceu, levantando uma saudação á cidade d'Aveiro.

Seguiu depois sua ex.^a para o *Gymnasio Aveirense* onde lhe foi servido o almoço, offerecido pelo sr. governador civil d'este districto. Eram 50 os talheres.

Durante a refeição tocou a banda do 24.

Terminado o almoço foi o sr. ministro da guerra visitar o quartel de Sá, dirigindo-se d'ali para o de Santo Antonio, cujas visitas foi o principal fim da sua visita a esta cidade, que, galhardamente, o recebeu e acclamou pelos importantes beneficios dispensados a esta circumscripção.

Eram 2 1/2 horas quando sua ex.^a seguiu para Ilhavo onde o esperava um acolhimento superior a toda a expectativa. Tres phylarmonicas e um numero concurso de povo enchia a estrada e ruas por onde o sr. ministro da guerra passava, estando as janellas bellamente engalanadas com magnificas colchas de seda.

Era o sr. conselheiro Pimentel Pinto aguardado pela camara municipal, pelo sr. administrador do concelho e pelas principaes pessoas d'Ilhavo.

Deu sua ex.^a entrada na sala das sessões, ao som das musicas, dos foguetes e de vivas, onde o sr. presidente do senado discursou, dando as boas vindas ao nobre ministro. O sr. conselheiro Pimentel Pinto respondeu agra-

decendo tão captivante recepção do brioso povo ilhavense.

Em seguida foi o sr. ministro inspecionar a carreira de tiro, situada na Gafanha, onde o esperava igualmente um grande concurso de povo e a banda de musica da fabrica da Vista-Alegre, que executou, durante a visita de sua ex.^a, magnificas peças, subindo ao ar muitas girandolas de foguetes e soltando-se muitos vivas.

Eram 5 horas quando o nobre ministro regressou a Aveiro; mas como fosse ainda cedo para o jantar, dignou-se sua ex.^a dar um passeio até á Barra, visitando o *Pharol*, d'onde admirou os soberbos panoramas que d'ali se disfructam. O illustre ministro retirou-se muito bem impressionado.

Eram 7 horas quando começou o jantar, sendo servido na mesma sala em que o almoço teve lugar. Eram 75 os convidados. O *Gymnasio Aveirense* achava-se lindamente enfeitado.

Pronunciaram-se muitos brindes, a que respondeu sempre o nobre ministro da guerra.

Durante o jantar tocou no salão de gymnastica, a magnifica banda de infantaria 24, e no largo do Cójo a banda dos Bombeiros Voluntarios.

A iluminação n'este largo era de lindo effeito, principalmente no Mercado Manuel Firmio. Todos os edificios publicos e o *Hotel Central* estavam embandeirados e illuminados.

O embandeiramento e iluminação do quartel de Sá, foi feito por conta da camara municipal e era d'um effeito surpreendente.

A's 10 horas retirou para a estação do caminho de ferro o sr. conselheiro Pimentel Pinto, onde embarcou no comboio-correio em direcção a Lisboa.

Desde o *Gymnasio Aveirense* até á estação teve o sr. ministro da guerra occasião de ver milhares de pessoas aglomeradas nas ruas para se despedir de sua ex.^a e manifestar-lhe o seu jámais olvidado reconhecimento.

Um grandioso e brilhante cortejo se formou para acompanhar á estação o sr. ministro da guerra. A marcha, á luz dos archotes e de fogachos e com quatro musicas, prolongava-se a uma grande extensão, produzindo um effeito deslumbrante. Vivas estrondosos se soltavam, sendo espontaneamente correspondidos.

A *gare*, que foi franca ao publico, estava apinhada de povo. Alli, o entusiasmo, foi immenso, confundindo-se todas as classes na manifestação de despedida ao nobre ministro da guerra. Foi um delirio, correndo tudo na melhor ordem.

Uns francaceositos ainda tentaram fazer uma manifestação hostil, mas foi immediatamente abafada. Pobres diabos!

Logo que o sr. conselheiro Pimentel Pinto chegou a Lisboa apressou-se a enviar ao digno presidente da camara o seguinte telegramma:

LISBOA, 23—Presidente da Camara—Aveiro.

De regresso á capital, gostosamente cumpro o dever de saudar na pessoa de V. Ex.^a o povo de Aveiro, que por forma tão penhorante me recebeu.—Pimentel Pinto.

Seguiu para Inhambane, Africa Oriental, o sr. tenente de infantaria 14, Salomão Vaz da Silveira Leitão, onde vae fazer serviço durante o periodo de 2 annos.

Desejamos-lhe feliz viagem e muita saude.

**"Povo de Aveiro.,
Em Lisboa, na tabacaria Monaco.**

CONVENTO DAS CARMELITAS

Não falta quem insinue que as concessões feitas á camara municipal, no que toca ao convento das carmelitas, se limitam á cerca e quem accrescente que se a camara obteve a propria cerca foi porque o bispo a isso se não oppoz.

Assim o insinua o proprio pasquim, orgão dos francaceos.

Accrescenta-se mais que foi essa a conciliação recommendada pelas «Novidades» e que a camara municipal acceitou, contentando-se com a cerca e desistindo do convento.

Isto não tem fundamento nenhum. Basta ler-se a representação, que publicamos no ultimo numero, para se reconhecer a falsidade da insinuação e do boato.

O sr. presidente da camara não desarmou nem desarma deante da reacção. As suas palavras, na representação a que nos referimos, eram bastante energicas e claras para não deixarem duvidas a tal respeito.

Não desarmou, nem desarma, o que é proprio não só do seu espirito progressivo e culto, como da sua dignidade de homem e de magistrado.

O sr. presidente da camara assumiu a responsabilidade de reivindicar para o municipio um edificio que não é, que não deve ser, que não pôde ser da padralhada, que esta tem em seu poder illegalmente, e não é o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto homem, felizmente, para desistir d'uma idea quando ella se apposou do seu proprio interesse.

Felizmente e honrosamente. E ser felizmente e honrosamente a virtude quando se não cede ao egoismo nem estúpido.

A camara deve agora a cerca. Ha de obter tambem o convento. Descansem os verdadeiros liberaes.

Eelizmente possui Aveiro uma vereação digna das tradições da nossa terra.

Honra atodos os vareadores, e, em espeçal, ao sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, que não descança ni patriótica azafama de dotar Avéro com melhoramentos importantissimos.

Razão tinhamos nós para combater a camara da colligação Mattoso-francaceos. Essa camara teria sid) um verdadeiro desastre. Malograda essa tentativa, devido em grande parte á campanha que sustentámos, vingou a lista que a camara actual representa e d'ahi resultaram já, em tão poucos mezes, os mais extraordinarios beneficios.

Ainda bem.

Dentro d'um armario—Crimes monstruosos—Uma megera

Em Budapesth, uma mulher chamada Luiza Preissig, conceben o projecto de organizar uma orchestra de meninas de 10 a 11 annos, com a qual esperava obter grandes lucros.

Mandou annunciar n'um jornal que adoptaria todas as creanças do sexo feminino que se lhe apresentassem.

Uma ama e uma cozinheira apresentaram e as suas duas filhas, que foram immediatamente acceites.

Quando a artista reconheceu que ellas não tinham vocação para a muzica, resolveu desembar-

çar-se d'ellas. Fechou-as n'um armario, onde as deixou sem alimento e sem vestidos.

Quando os policias arrombaram o armario, do qual tinham ouvido sahir gemidos plangentes, deparou-se-lhes um espectáculo horrivel.

Dois pequeninos seres magros como esqueletos, estavam sentados nas palhas apodrecidas.

A luz subita fazia-lhes tanta impressão que as desventuradas creancinhas tapavam os olhos com as mãos descarnadas.

Em consequencia de tão horrivel martyrio, perderam a falla.

Foram em seguida confiados á Assistencia publica. A infame megera foi presa.

A policia de Budapesth trata de averiguar se ella teria praticado anteriormente, crimes identicos.

Por falta de espaço não publicamos n'esten.º uma carta do nosso amigo sr. capitão Homem Christo publicada nas «Novidades», sobre as instrucções dos soldados. Irá no proximo numero.

Acabamos de receber do sr. Renato Franco a seguinte declaração que gostosamente publicamos:

Sr. redactor do *Povo de Aveiro*.
Peço a fineza da seguinte

DECLARAÇÃO

D'hoje em deante deixo de ser correspondente, n'esta cidade, do jornal «Primeiro de Janeiro». Por este modo, fica campo largo ao malandro que abuzou do meu nome para fazer inserir os dois ultimos telegrammas publicados n'aquelle jornal portuense.

Aveiro, 26 de junho de 1902.

Renato Franco.

ESCOLA CENTRAL

DE INSTRUÇÃO PRIMARIA

Damos em seguida a representação que, pela camara municipal d'esta cidade, foi dirigida a Sua Magestade solicitando a construcção d'um edificio para o estabelecimento de uma escola central na freguezia de Nossa Senhora da Gloria, visto as actuaes escolas se não acharem nas devidas condições hygienicas e não podendo, por isso, serem frequentadas, por muito tempo, por tão elevado numero de alumnos:

SENHOR

A cidade d'Aveiro, com uma população de dez mil habitantes, segundo a ultima estatistica official, possui apenas duas escolas officiaes de instrucção primaria para o sexo masculino, e outras duas para o sexo feminino, e estas mesmas installadas em edificios a que faltam muitas das condições hygienicas, e disposições apropriadas, recommendadas pela moderna pedagogia.

D'estes edificios, é propriedade municipal o da freguezia da Vera-Cruz, construido ha mais de 20 annos, e sem a capacidade necessaria já para o numero de alumnos que devem frequentar esta escola. O outro, o da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, é de propriedade particular, adaptado ao uso em que está, mas em condições que deixam muito a desejar debaixo de todos os pontos de vista.

N'uma vistoria a que ultimamente se procedeu ás casas de escola da cidade, foram unanimes os peritos em declarar que a da Vera-Cruz demandava ser ampliada, e grandes melhorias, e que a da freguezia de Nossa Senhora da Gloria não podia continuar por muito tempo a ser utilizada

para este fim, por lhe faltarem os requisitos mais indispensaveis.

N'estas condições, regulando o censo escolar por 600 menores, de 6 a 12 annos, em cada uma das duas freguezias, e sendo hoje principio assente que, nos grandes centros de população, nenhuma conveniencia ha em sub-dividir as casas de escola mais do que o strictamente necessario para o seu regular funcionamento, julga a camara municipal d'Aveiro indispensavel, e de reconhecida urgencia, a construcção de um edificio escolar que satisfaza não só ás necessidades do ensino na freguezia de Nossa Senhora da Gloria, mas possa ainda comportar o numero d'alumnos, de um e outro sexo, que a freguezia da Vera-Cruz não consiga poder admitir na sua casa de escola, depois de devidamente beneficiada.

E n'esta ordem de ideias, empenhando, como lhe cumpre, todos os seus esforços em prol da causa da civilização pelo derramamento da instrucção em todo o paiz, esta camara vem hoje submissa e respeitosa implorar de Vossa Magestade que lhe consinta poder gozar dos beneficios da lei de 30 de junho de 1898, concedendo que pela direcção das construcções escolares lhe seja mandada edificar uma casa de escola do typo D, com quatro classes, sendo duas para cada sexo, e com habitação para o respectivo professor e seu ajudante.

Esta camara offerece desde já para esta construcção não só o terreno necessario, e nas melhores condições, mas ainda a quantia de um conto de réis, que será incluída no seu orçamento ordinario logo que seja attendido este seu pedido.

Plenamente convicta da justiça da sua causa, que é a da humanidade inteira, e perfeitamente confiada nos altos sentimentos da natural benevolencia, e sincero amor de Vossa Magestade, para com os seus subditos, e pelo progresso e engrandecimento do seu paiz, a camara municipal de Aveiro não hesita em pedir com toda a instancia tão equitativa mercê.— Aveiro, 19 de junho de 1902.— O presidente da camara, Gustavo Ferreira Pinto Basto.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

5,21 m., correio, 1.^a e 2.^a classe.
9,00 m., mixto, todas as classes.
4,47 t., tramway, vindo d'Alfarellos.
8,11 t., omnibus todas as classes.
9,49 t., expresso, 1.^a e 2.^a classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã.
10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul

6,48 m., omnibus, todas as classes.
2,12 t., tramway, até Alfarellos.
5,34 t., expresso, 1.^a e 2.^a classe.
10,30 t., correio, 1.^a e 2.^a classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminus.
9,49 m.
9,9 t.

Os tramways partem do Porto ás 7,15 da manhã e 6,29 da tarde.

«O OCCIDENTE»

É um verdadeiro primor artistico e litterario o n.º 840 do *Occidente*, commemorativo do 4.º centenario de Gil Vicente. As gravuras todas respeitantes ao assumpto são: Estatua de Gil Vicente, no frontão do Theatro de D. Maria II; Paços do concelho, jardim do Campo do Thoural e vista da cidade de Guimarães, patria de Gil Vicente; A celebre custodia dos Geronymos, obra de Gil Vicente, facsimile de um desenho antigo; facsimile de um documento importante descoberto pelo sr. Brito Rebello, na Torre do Tombo.

Os artigos, primorosos começam pela Chronica Occidental de D. João da Camara; Gil Vicente, por Brito Rebello; Autos de Gil Vicente, trechos do *Auto da Cananea do Auto da Alma* e do *Auto da Lusitania*; Mociudade de Gil Vicente, por Julio de Castilho (Visconde de Castilho); Gil Vicente e o Theatro Nacional, por Damasceno Nunes.

PROTESTO

Da illustre viuva de João de Deus recebemos o seguinte protesto:

A publicação de diversos livros de leitura, onde se encontram alguns principios e innovações que constituem a originalidade da *Cartilha Maternal*, o que, triste é dizel o, bem atesta da parte dos seus auctores a falta do natural decoro que todo o escriptor publico tem por dever presar, obrigamo, como viuva e representante do fallecido pedagogista, a vir á imprensa lavar o meu protesto e chamar para estes factos a attenção dos que em Portugal ainda se interessam pela dignidade das letras e pelos progressos do ensino, lamentando que a minha situação me não permita recorrer á justiça, visto que, como disse meu fallecido marido, «esta cega só anda pela mão do dinheiro». (*A Cartilha Maternal e o Apostolado*, pag. XX).

Uma das innovações que caracterizam a *Cartilha Maternal* é a distincção syllabica, cuja originalidade foi por fim reconhecida ao auctor, até pelos seus mais acrimoniosos detractores. (*Prosas*, pag. 462 e 463).

A este respeito diz a sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a celebre pedagogista e philologa, doutora por uma universidade allemã, as seguintes palavras:

«Outra innovação feliz está no processo typographico para evidenciar a creança, d'um modo, por assim dizer, plastico, a decomposição da palavra em syllabas. Isto consegue o auctor por meio de typo do mesmo tamanho alternadamente, liso e lavrado, e obtem assim a vantagem essencialissima de representar as palavras sem solução de continuidade, ao contrario do methodo seguido até hoje que as desmembrava barbaramente. Esta invenção, tão simples como luminosa, é legitima propriedade do auctor, e não imitação de um supposto methodo usado na Alemanha, cujo titulo os detractores da *Cartilha* esqueceram de citar. Nós, pelo menos, não encontramos vestigio de semelhante invenção nas cartilhas da Alemanha do Norte, as melhores que existem, nem nas inglezas, italianas e hespanholas que conhecemos, e que, sendo imitações mais ou menos fieis das cartilhas allemãs, não haveriam esquecido tão importante melhoramento».

Em qualquer das quinze edições da *Cartilha Maternal* se encontra sempre a declaração explicita: «Todos os direitos reservados, comprehendendo a distincção syllabica».

Pois, apesar d'isto, a distincção syllabica, que é uma invenção incontestada de João de Deus, apparece agora expressa e confessada no *A B C do Povo*, do sr. Trindade Coelho, que diz a pag. 8 e 9:

... «João de Deus, cuja alta e primacial lição consistia, precisamen-

te na conservação da unidade da palavra, sem prejuizo (como convinha ás necessidades do ensino), da sua evidente, da sua transparente estrutura syllabica. D'elle se pôde dizer que descobriu o raio X, que tornou possível a visão anatomica do vocabulo—sem prejuizo, n'um apice, da sua physionomia e da sua vida!... Essa era preta!»

«Não podia eu, decerto para obter a differenciação material da syllaba sem prejuizo da unidade da palavra, recorrer aos caracteres raindos de João de Deus, que constituem propriedade do seu Methodo. Mas não podendo, nem devendo tão pouco esquecer a lição joannina, sahi-me da difficuldade por uma forma nova—isto é, differenciando as syllabas mediante o emprego alternado de tintas differentes».

«Confesso que me deu uma grande alegria quando me acudiu pela primeira vez a lembrança do emprego das côres.»

E chama o sr. Trindade Coelho forma nova o emprego alternado de tintas differentes e sua a lembrança do emprego das côres!!!

Vejamos o fundamento de semelhante asserção:

Em carta ao ex.^{mo} Emygdio Navarro, de dezembro de 1877 (*A Cartilha Maternal e o Apostolado*, pag. 18 a 24) refere-se João de Deus, muito clara e expressamente, a umas lições que fizera compôr a preto e vermelho, cinco ou seis annos antes de aquella data, as quaes estiveram até na repartição de instrucção publica; mais se refere aos quadros compostos n'aquellas côres por seu irmão, a esse tempo prior de Algez, com que em 1875 inaugurára a escola do visconde de Arcozello, á prova publica do seu methodo dada no anno seguinte no Porto pelo abbade de Arcozello e ainda á primeira folha da *Cartilha Maternal* que em 1876 se compoz na typographia de Castro & Irmão, não se procedendo á tiragem por insufficientencia de tinta vermella conveniente.

Mais adiante e na justificação que n'aquella carta faz o auctor da *Cartilha Maternal*, do plano da sua obra, diz:

«Se os elementos da syllaba são essencialmente continuos, as syllabas da mesma palavra são essencialmente contiguas. Palavra desmembrada não é palavra; e eu não a podia desmembrar».

«Havia de o aleijar com caracteres diversos? Não era methodo.»

«O meio era diversidade de côr ou differença de tom. A diversidade de côr tinha muitos inconvenientes; menos methodica, menos economica, menos exequivel. Preferi a differença de tom. Porém, desconfiado (e hoje vejo que injustamente) da curiosidade publica a respeito de taes assumptos, resolvi dar a primeira edição n'um mosaico brilhante. Era uma pia fraude, a ver se os paes levavam o bonito aos filhos, e achando-se assim em occasião proxima de ver as razões que me guiavam por um caminho,

por ventura mais direito e alumiado, o seguia. Depois, em novas edições, se as houvesse, poria a coisa nos seus termos, isto é, como sahi, graças ao obstaculo material que apontei.»

«Mas aquella não podia ser a minha escolha definitiva. Do preto e vermelho a tudo preto, não ha declive. Especialmente o vermelho, aliás adoravel nas faces, nenhum medico oculista o recommendaria em cartilhas.»

As duas unicas côres admissiveis são as que empreguei, preto e cinzento, porque a alternativa de branco e preto nos caracteres lavrados dá o cinzento á menor distancia.»

Chamamos, muito especialmente, para o que fica transcripto a attenção de todos os homens de bem; elles que digam o que se ha de julgar do *A B C do Povo* e das palavras do sr. Trindade Coelho:

«Sahi-me da difficuldade por uma forma nova—isto é, differenciando as syllabas mediante o emprego alternado de tintas differentes.»

«Confesso que me deu uma grande alegria quando me acudiu pela primeira vez a lembrança do emprego das côres.»

«Diremos mais: João de Deus considerou sempre a distincção syllabica como invenção exclusivamente sua de que ninguem se podia servir sem sua licença. (*A Cartilha Maternal e o Apostolado*, pag. 24, 193 194, 196 e 197; *A Cartilha Maternal e a Critica*, pag. 224 e 226).

De todos os abusos e desrespeitos commettidos contra a obra de João de Deus, o que temos por mais grave é da responsabilidade do sr. Trindade Coelho, com a publicação do *A B C do Povo*, e por isso a elle se refere principalmente este protesto; como porém outra innovação que na *Cartilha Maternal* se encontra, é o valor das letras e muitos d'estes valores figuram na *Nova Cartilha Nacional*, do sr. Candido Teixeira de Moraes, e na *Cartilha Infantil*, do sr. A. Simões Lopes, corria-nos a obrigação de não deixar passar a opportunidade de sem fazer tambem referencia a estes livros.

A *Nova Cartilha Maternal*, pelo typo de letra, com mais de 100 paginas e disposições das palavras e letras em cada lição, por ali se encontram em *Cartilha Maternal*. É que facilmente se pôde ver a continuação dos dois livros.

Pelo que respeita ao valor das letras vejamos, além da *Cartilha Maternal*, os dois livros de pedagogia, já citados, e especialmente o *Guia Prático e Theorico da Cartilha Maternal ou Arte de ler*, que acaba de sahir dos prêlos da Imprensa da Universidade.

Em qualquer dos casos referidos, a contrafacção é patente e clara a lei que assegura os direitos violados—Cod. Civ., art. 579.º 604.º e 611.º e Codigo do Processo Civil, art. 363.º

Antes de concluir e para deixar tambem n'este protesto bem consignado o profundo desgosto que me causou

o procedimento do sr. Trindade Coelho, transcreverei palavras suas do seu prologo ao livro *A Cartilha Maternal e a Critica*.

Diz ali o sr. Trindade Coelho: «... Mas nada mais injusto como definição ou comentario de uma actividade que produziu, a par de uma obra de arte pura, como poucas litteraturas se gabam de possuir, uma obra de pedagogia tão original, tão util e tão complexa.»

«Para a psychologia de João de Deus, poeta,—e tanto monta dizer poeta do Amor como da Satira—este livro e o que o procedeu ha 16 annos, *A Cartilha Maternal e o Apostolado*, são com effeito essenciaes, e mal parecerá já agora, a quantos amaram esse Grande Espirito, não os possuirem na sua estante, e não os saberem.»

«... Mas se o estado de aprendizagem da leitura era o que se patenteia do depoimento do sr. Simões Raposo—depreheendo quanto devo a João de Deus, (e, como eu, quantas mães e quantos paes!) ao lembrar-me que ao fim de 18 lições, o meu pequeno, que eu levava ao collegio todas as manhãs, lêu de caminho, sem errar, a taboleta d'um estabelecimento. E foi elle que definindo-me uma vez, a seu modo, o Methodo de João de Deus, empregou as seguintes palavras, que o proprio Mestre sabia de côr:

—O Methodo de João de Deus não se aprende. No Methodo de João de Deus as palavras é que veem ter com a gente,—assim, zás, do papel p'r'os olhos!»

«Talvez que isto valha mais, por ser dito por uma creança de 6 annos, do que valeriam longas dissertações—e em todo o caso é um facto.»

«... Estava-se longe d'um methodo, quer dizer de um systema harmonico, ordenado, racional, proficuo e completo, de ensinar a lêr.

«Um methodo que reunisse estes predicados, estava reservado para João de Deus o fazel-o.»

«Se a pedagogia official portugueza pôde soffrer, que não soffre, os desdouros de ser excedida n'esse ramo por um profano, consola-o o chamar-se João de Deus esse profano, e colha para si parte da gloria que nos advem a todos de ter sido o creador de tal methodo—um portuguez.»

A signataria não recorre porém aos tribunaes pelo motivo anteriormente exposto, mas julga do seu indisciplinavel dever constatar a forma como em Portugal se respeita a memoria d'um homem que o parlamento declarou benemerito, a quem o chefe do Estado entregou pessoalmente, e em sua casa, as insignias da grandeza da ordem de S. Thingo, dispensando-o do pagamento dos respectivos direitos de mercê, por ser, dizia o decreto, o benemerito auctor da *Cartilha Maternal*, e a quem por fim a nação tributou, em cortejo imponente

e de véras commoveador, honras nacionaes, dando-lhe para sempre jazida no seu pantheon ao lado dos maiores vultos da nossa historia patria.

Lisboa, 2 de dezembro de 1901.

Guilhermina de Battaglia Ramos.

Hoje, das 9 á meia noite, toca no Passeio Publico a banda dos Bombeiros Voluntarios. A entrada é paga.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

ANNUNCIOS

BREAK

VENDE SE um quasi novo. N'esta redacção se diz com quem tratar.

SAPATARIA REIS R. DOMINGOS CARRANCHO (A'S CINCO RUAS) AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, no mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de côrte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

FOLHETIM CAMILLO CASTELLO BRANCO VISITA A UM ASYLO DE CRIMINOSOS ALIENADOS

O *Chornhills Magazine* conta, nos seguintes termos, e com interessantissimos pormenores, a visita de um advogado a uma casa de doidos criminosos, em Inglaterra:

Em uma formosa tarde de outono do anno passado, passeava eu na estrada de Fitherton, perto de Salisbury, quando encontrei um melico, meu amigo, que ia passar a noite no asylo de alienados e me convilou a acompanhá-lo. Observei-lhe que não seria conveniente da minha parte apresentar-me em tal estabelecimento levado sómente pela curiosidade.

—Pelo contrario, replicou o meu amigo, os proprietarios folgarão muito de ver alguém que se interesse, como você, na questão

da loucura criminoso; principalmente quando souberem que o apresentado é um homem do fóro; porque elles hão de vêr no meu amigo um adversario consciencioso que formará honestamente o seu juizo, á vista dos factos. Garanto-lhe, pois, uma recepção cordeal.

—Mas não será tarde de mais para me apresentar?

—Tarde não: é uma *soirée* de baile.

—Mas eu não estou vestido convenientemente.

—Nem eu; mas isso nada importa: é um baile de doentes.

—Como? para os criminosos alienados?

—Justo, para os criminosos alienados. O doutor dá-lhes um baile semanalmente. É uma verdadeira festa para os desgraçados.

—Mas não haverá perigo em ajuntar um grande numero de doidos criminosos? Se uma vertigem os atacar, podem fazer com certeza males incalculaveis.

O meu amigo riu-se:—Estão tão longe de recear o perigo de desordem, que você vai confessar que nunca viu assembléa mais conveniente e em melhor ordem. Eis

aqui, apontou elle uma pequena casa de muito limpa apparencia—principia o asylo.

—Parece-me pequenissima a casa—observei.

—É o começo do edificio que se compõe de muitos repartimentos. O asylo de Fitherton é como uma povoação, com muitas casas, algumas muito grandes, e todas maiores que essa que eu lhe mostrei. Separam-nas altos muros, de modo que os doentes estejam repartidos, consoante o seu genero de loucura e o tratamento adequado; por que aqui não ha senão doidos criminosos. E' lhes com tudo permittido concorrer ao baile, se elles querem e a saude lh'o consente.

Chegámos á gradaria de uma bella casa cujo exterior não tinha apparencia de casa-de-saude. Figurava-se uma graciosa casa de quinta, com formosos jardins para completar a illusão. Abriram-nos uma sala onde esperámos o doutor Lush, chefe do estabelecimento. Passados momentos, chegou o doutor que nos acolheu com a maior cordealidade.

assistir ao meu baile. É uma coisa curiosissima para estrangeiros, cuja presença não solicitamos; porém como é amigo de X, folgo muito de o receber.

—O meu amigo, disse X, é advogado.

—Estimo muito saber isso: tomáramos nós muitos visitantes da sua profissão.

Dito isto, pediu-nos que o seguíssemos, e levou-nos a travez da casa e d'alguns jardins. A' primeira vista, nenhuma especie de medida repressiva em parte alguma do estabelecimento; notei, apenas, que todas as portas se fechavam á chave cuidadosamente, quando passavamos: tirante isto, era uma casa particular. Afinal, chegámos a uma edificação bastante alta, posto que só tivesse um andar. O doutor abriu-a, e entrámos no salão de baile. Tinha 70 pés de comprimento com largura proporcional, e tão alta que a orchestra que occupava toda a largura, com uma duzia de musicos uniformisados, estava á altura de 10 pés. A sala bem mobilada, tinha luz de gaz. Havia piano. Pouco depois observámos

que o recreio do sarau se dividia em canto e dança.

Antes de começar o baile, estudei a estranha assembléa em que me via. Os homens estavam a um lado, as mulheres a outro. Os trajos eram variadamente singulares, principalmente nos homens. Uns vestiam tão a ponto como nas mais primorosas sociedades; outros indicavam extrema pobreza. Informaram-me que n'aquella miscellanea havia muitos doentes pobres sem crimes, ao passo que outros, aliás criminosos, tinham parentes ricos que lhes custeavam generosamente as despezas.

Quanto ás damas, essas evidentemente tinham feito grandes despezas nas *toilettes*. Muitas estavam engrinaldadas de flores artificiaes, pela maior parte de papel e de fabrico proprio. D'uma e d'outra parte, reinava profundo silencio. De repente, a orchestra preludiou uma quadrilha, e os homens foram convidar pares muito cordezmente.

(Continua.)

HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria...

Condições da assignatura extraordinaria Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal a vontade do assignante.

EM AVEIRO—Livraria Mello Guimarães.

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições...

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Sucessora da antiga casa David Corazz Viagens Maravilhosas

A CARTEIRA DO REPORTER

Com esplendidas illustrações de L. BENETTI. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

AMBIÇÃO D'UM REI

Original de EDUARDO DE NORONHA illustrado a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias sera feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—120 rs

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos a Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

Cathecismo Moderno

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A venda na Livraria Elycio—Rua Formosa, 282 PORTO

NOVIDADE LITTERARIA ALMANACH HACHETTE PARA 1902

Já se achá a venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade. 50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS?

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA 300 rs. cada volume 300

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS.

Jayme Duarte Silva ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO "O NORTE," Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES Cada vol. 100

Pedidos a Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO POR JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160—LISBOA. Preço 200

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA Os Mystérios da Inquisição

POR F. GOMES DA SILVA Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Os Mystérios da Inquisição descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escafpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos...

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata...

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos a Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

HENRY SIENKIEWICZ (auctor do "Quo Vadis") HANIA

primorosa e polaca do celebre auctor do "Quo Vadis", "Sem Dogma", "Diluvio", "Siganos" Preço de cada volume illustrado com um capta a cores

Pedidos a Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA DA ACREDITADA FABRICA



"PFAFF," Fundada em 1862 EM Kaiserslautern São estas as melhores machinas de costura

A machina PFAFF para costureiras. A machina PFAFF para alfaiates. A machina PFAFF para modistas. A machina PFAFF para sapateiros. A machina PFAFF para serteiros. A machina PFAFF para correiros. A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina PFAFF é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Vinho de Bucellas O legitimo vinho de Bucellas so se vende em Aveiro no estabelecimento de José Goncalves Camellas, a Praça do Peixe.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra Extrahes, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

NOVIDADE LITTERARIA SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco. Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações. Preço 500 réis

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite. Largo do Recto. 4 a 44

ARMAZENS DA BEIRA-MAR DE MANUEL GONCALVES MOREIRA PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22 R. DOS MERCADORES, 1 A 5 AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Lux. Cam.) VENDAS SO A DINHEIRO

Preços fixos CONFECCOES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

MAIS UM TRIUMPHO! As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix. É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições. AVEIRO 75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79